

EDITORIAL

Quando o novo conselho consultivo assumiu em fevereiro de 2011 estávamos conscientes do privilégio que é trabalhar para um revista eletrônica do porte da Temporalidades, que cada vez mais se destaca como baluarte da produção discente acadêmica. Porém, não tínhamos a real noção da grandiosidade do trabalho que nos aguardava. Pouco a pouco, com a preciosa ajuda dos conselheiros Márcio dos Santos Rodrigues e Rangel Cerceau Netto, fomos aprendendo o traquejo processual do periódico que nos permitiu chegarmos até a quinta edição da Temporalidades.

Para esta edição, duas questões devem ser esclarecidas: primeiro, o retorno ao primeiro *layout* da revista, no intuito de facilitar e agilizar o processo de editoração do periódico; e, segundo, a quebra da proporcionalidade para titulações que está previsto no regimento da revista. Recebemos um número muito grande de contribuições temáticas aprovadas de colaboradores já titulados, o que nos causou dificuldades em manter a proporcionalidade ideal. A revista continua majoritariamente de caráter discente e todos aqueles alunos que tiveram artigos devidamente aprovados estão contemplados nesta edição.

A partir deste número, a Temporalidades passa a trabalhar com dossiês temáticos, além de seus já tradicionais artigos avulsos. Para nos ajudar em tal façanha, convidamos o professor Dr. Magno Moraes de Mello, editor chefe da revista, para organizar conosco o dossiê temático “Arte e Cultura na História”, que, para nossa grande alegria, prontamente aceitou o convite. Com a parceria dos conselheiros André Cabral Honor, Luís Fernando Amâncio Santos e Mateus Alves Silva, os artigos passaram pelo crivo editorial compondo o dossiê que ora apresentamos:

Paula André, valendo-se de três textos clássicos do arquiteto Lúcio Costa, apresenta questões ligadas ao olhar deste sobre a arquitetura portuguesa, em especial os telhados. A autora compõe um cenário com as observações feitas pelo arquiteto ao longo de décadas, construindo uma narrativa que vem a enriquecer a história da arquitetura, tanto brasileira quanto portuguesa.

Loque Arcanjo analisa, junto a outras importantes fontes, as correspondências entre Curt Lange e Mário de Andrade durante as décadas de 30 e 40 para discutir os significados do “americanismo” e do “nacionalismo” musicais, com enfoque para a construção da identidade musical brasileira.

Compondo a diversidade da revista, Luara G. França explora as fronteiras do conceito de campo hermenêutico na obra do crítico literário Hans Ulrich Gumbrecht. Para isso, França faz

uma análise historiográfica do contexto histórico e teórico da educação do autor durante a produção de sua crítica literária.

Com o artigo de Elisângela Carvalho Ilkiu, o dossiê “Arte e Cultura na História” encontra a arte popular circense. Nele, a autora nos leva ao circo, em seu passado milenar e presente de distintas possibilidades estéticas.

Integrando uma análise do monumento ao seu restauro, Roberto Carvalho Guimarães nos apresenta um importante exame da restauração dos afrescos de Alessandro Allori na Capela de São Jerônimo da Basílica *Della Santissima Annunziata*, em Florença na Itália. Guimarães nos apresenta com uma apreciação que integra a análise histórico-iconográfica à restauração do monumento. O *punk* e o *hard core*, ramificações do *rock*, são o tema do artigo de Roberto Camargos de Oliveira que explora a assimilação no Brasil desse estilo que envolve música e modo de vida.

Na fronteira entre a história da arte e a dos impressos, Pedro Rueda Ramírez nos apresenta uma análise sobre os catálogos de vendas de livros e gravuras na Espanha entre os séculos XVII e XVIII, com atenção especial para a circulação e emissão de gravuras para a América Espanhola. Ainda na temática de circulação de gravuras no período colonial, Camila Fernandes Santiago nos brinda com um artigo sobre imagens da Anunciação. Estas serviram como modelo para pintores que atuaram em Minas Gerais na Capela de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Rita Durão, Capela de São José, em Itapanhoacanga e Capela da Santíssima Trindade, em Tiradentes.

Ainda caminhando pela iconografia religiosa Carlos Alberto González Sánchez analisa a revitalização do uso das imagens religiosas na construção de uma espiritualidade católica na Idade Moderna, conseqüência da Contrarreforma, em oposição à iconoclastia protestante.

Anna Corina G. da Silva, em seu *O Experimental da “Nova Objetividade”*: O Contexto Artístico Brasileiro entre os anos 1950 e 1960, aborda o manifesto de Hélio Oiticica em que são lançadas diretrizes para a arte contemporânea brasileira, que deixa as fronteiras do quadro de cavalete e passa a explorar experiências sensoriais do público.

O cinema é representado em nosso dossiê com o artigo de Ana Maria Veiga, que analisa as fronteiras entre documentário, ficção e memória, nos filmes *Calles Caminadas* (Chile, 2006, de Verónica Qüense e Eliana Largo), *Los rubios* (Argentina, 2003, de Albertina Carri) e *Que bom te ver viva* (Brasil, 1989, de Lúcia Murat). O tema em comum: os indigestos regimes ditatoriais pelos quais passaram os três países.

Os artigos avulsos sempre se destacam por abarcar o máximo de temáticas e periodização possíveis. Para este número da Revista Temporalidades a situação não é diferente:

Utilizando da longa duração, Gustavo César Baez analisa os fortes e faróis do litoral do Nordeste construídos entre os séculos XVI e XX, como símbolos da delimitação de fronteiras marítimas por desempenharem papéis relevantes na defesa desses espaços e na orientação da navegação comercial.

Em “*Deus, Pátria e Família*”: bases e fundamentação do pensamento de Plínio Salgado de Felipe Azevedo Cazetta realiza uma análise do pensamento integralista de Plínio Salgado, através da decomposição do lema integralista “Deus, Pátria e Família” no que toca a religiosidade e o combate ao materialismo, o seu projeto político para o Estado Integral e a importância que a família possuiria neste.

Em *Lugares de Fronteira: espaço territorial, simbólico e identitário*, Renato da Silva Dias apresenta um ensaio sobre o conceito de fronteira e seus usos na formação de identidades sociais das mais variadas, ultrapassando os espaços geográficos.

No artigo *O distante, o governo e o governo à distância: administração local portuguesa e a atuação dos oficiais camarários como juizes de pequenas causas*, Thiago Enes expõe, através das funções judiciais, como a distância dos centros de poder acaba por criar adaptações de alguns ofícios do poder local, especialmente na América Portuguesa.

O objetivo em divulgar a produção extrativa, industrial e agrícola, para tornar o potencial econômico de Minas Gerais conhecido, é abordado no artigo de Felipe Carneiro Munaier, *A participação do Estado na modernização econômica de Minas Gerais: a Exposição Permanente de 1901 e a Feira Permanente de Amostras de 1935*. O autor aponta, através de um estudo comparativo, que a falta de articulação política foi um dos motivos para que o projeto da Exposição Permanente de 1901 de modernização econômica para Minas Gerais não fosse tão eficiente. Já a Feira Permanente de Amostras de 1935 foi posta em prática devido a um maior diálogo entre os poderes do estado.

O artigo de João Emanuel Lima de Oliveira aborda as comissões de socorros públicos durante as secas do final do século XIX, com especial atenção para a Comissão de Aracati no Ceará. Aborda assim os conflitos e interesses em disputa pelo domínio local de 1877 a 1880.

Em seu artigo intitulado *O Gemellaggio entre Urussanga e Longarone: Irmandade Intercontinental*, a autora Lara Rodrigues Pereira busca apresentar as relações de amizade estabelecidas entre o município de Urussanga, em Santa Catarina, e Longarone, na Itália. Em seu trabalho, Lara Pereira mostra como essa ligação, originária do grande número de imigrantes italianos no século XIX, foi fortalecida por acordos firmados por ambos os lados, criando uma irmandade intercontinental.

O futebol, esporte de grande apelo no Brasil, é o tema do artigo de Gleidson Benedito da Silva. Através de levantamento documental na Federação Mineira de Futebol, o autor desmistifica a eficiência dessa prática como meio de ascensão social.

O artigo de Priscila Gonçalves Soares investiga os espaços de construção de educação, lazer e práticas corporais em Juiz de Fora, no final do século XIX e início do século XX. Para tanto, a autora utiliza como fonte o jornal *O Pharol*, principal fonte de comunicação e divulgação da cidade na época. O texto identifica as práticas de *gymnastica* como a forma mais disseminada de controle e disciplina do corpo.

Este número possui três transcrições documentais comentadas. Na primeira delas, intitulada *Memórias de uma mãe guerrilheira: entrevista com Carmela Pezzuti*, a historiadora Isabel Cristina Leite faz o leitor embarcar na trajetória de vida da guerrilheira urbana Carmela Pezzuti, pertencente ao grupo COLINA – Comandos de Libertação Nacional de oposição ao regime militar brasileiro. Através da metodologia de História Oral é possível conferir singularidade ao tema, uma vez que o relato do vivido foi “provocado” pela relação entre entrevistador e entrevistado, produzindo um espaço para a manifestação da memória.

Valmiro Ferreira Silva apresenta um longo processo cível realizado na cidade de São Francisco, no norte de Minas Gerais, trazendo à tona movimentos sediciosos ocorridos na transição do Império para a República. Por fim, Heloísa Nunes Ferreira transcreve extensa série de anúncios de escravos do *Jornal da Victoria*, do estado do Espírito Santo, dos anos de 1864 a 1869.

Nesta edição, contamos ainda com a entrevista da Prof^a Dr^a Carla Mary S. Oliveira docente do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Num tom descontraído e motivador para aspirantes a pesquisadores em arte, a professora discorre sobre sua trajetória acadêmica, sua experiência como historiadora da arte, a influência da internet no meio acadêmico e a produção historiográfica sobre arte fora da Região Sudeste.

*André Cabral Honor
Luís Fernando Amâncio Santos
Mateus Alves Silva*

Belo Horizonte, 20 de agosto de 2011

APRESENTAÇÃO

Este novo número da Revista online *Temporalidades* apresenta não somente mais um vasto número de artigos de especialistas e alunos atentos ao estudo da história, mas em especial a edição do primeiro volume em forma de dossiê totalmente endereçado ao campo de investigação da história da arte, intitulado *Arte e cultura na história*. A organização e disposição dos textos no referido dossiê seguiram uma ordem alfabética, pois dado a ampla diversidade de assuntos não seria possível reuni-los numa escala temática.

Neste sentido, novas problemáticas são abordadas ou reativadas. Dentre elas a questão específica da arte sob o ponto de vista técnico-formal, mas também as questões histórico-culturais como os estudos pertinentes à conservação e ao restauro. O campo de análise investido neste dossiê é amplo e permite criar uma visão panorâmica da história da arte disponibilizando possibilidades de pesquisas num campo pouco investigado, mas nem por isso menos importante. É nesta área de estudos, rica e próspera, as vezes mal compreendida porque não suficientemente investigada, que se vêem alguns textos mais reveladores e inovadores da historiografia da arte geral. Muito tem sido descoberto e quase tudo tem sido repensado e reavaliado.

Neste contexto, não somente o presente dossiê, mas, toda a edição deste número apresenta à sociedade acadêmica um novo contexto e novos problemas, de modo a reativar as discussões, sejam elas ligadas à história propriamente dita, aos aspectos culturais ou mesmo às disposições da específica história da arte. O que importa é levar ao leitor uma fecunda metodologia de análise que fica validada perante todo este agrupamento de textos que agora se faz presente.

Deste modo, o dossiê é resultado de uma longa discussão entre o editor chefe e os membros do conselho editorial da *Temporalidades* no sentido de dar mais amplitude e de promover cada vez mais um processo investigativo aprimorado. É importante que se diga que a produção deste dossiê é fruto do bom trabalho coletivo e do competente desempenho do conselho editorial desta revista. Sem a atuação deste corpo editorial e também da vontade de ver esta revista crescer por parte dos editores pretéritos, este novo número não seria possível.

Assim clarifica-se e torna-se acessível a especialistas e ao público em geral alguns dos domínios mais inéditos no campo da historiografia da arte. Ressalta-se neste número a reflexão sobre argumentos diversos no intuito de demonstrar a grande parceria entre os conceitos e as pesquisas no âmbito da história e da arte.

Finalmente, é na qualidade de editor chefe desta revista e deste primeiro dossiê *Arte e cultura na história*, que expresso o meu mais sincero agradecimento a todos os membros deste conselho editorial pelo esforço em reunir tantos textos de diferentes graus de abordagens, de modo a produzir um corpo coeso de estudos específicos no campo da história da arte.

Aqui o meu reconhecimento e os cumprimentos pelo trabalho desenvolvido.

Magno Moraes Mello

Belo Horizonte, 22 de Agosto de 2011